

# Segredos do mundo do espírito

Considerações epistemológicas sobre o conhecimento oculto

TIMOTHY JENKINS

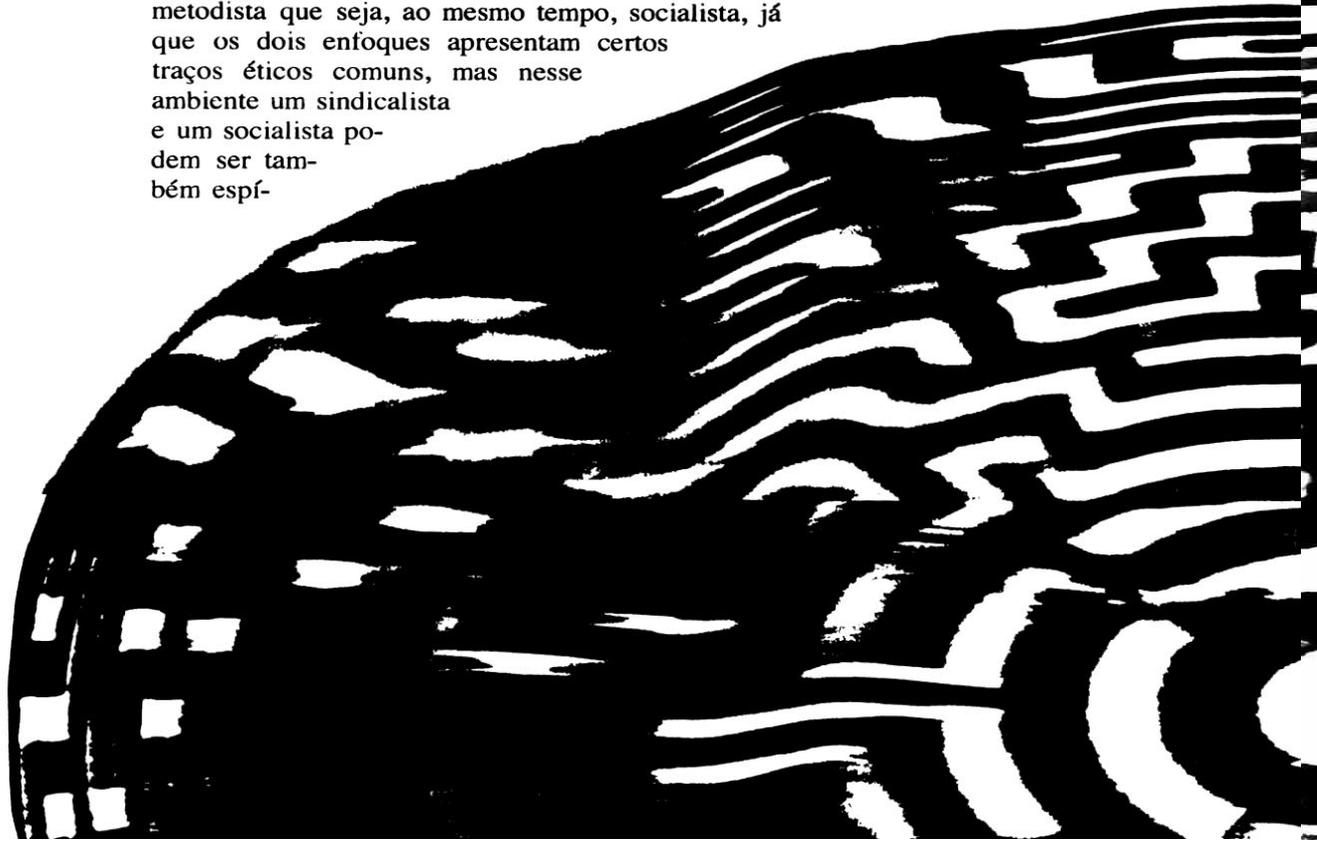
Tradução de WALTER CARLOS COSTA

TIMOTHY JENKINS é capelão da Universidade de Nottingham, Inglaterra.

Alguns estudos recentes de história social e antropologia (Skultans 1974; Barrow 1986; Luhrman 1986 e 1989) mostraram interesse pelos aspectos morais do conhecimento oculto e constataram a existência, na Grã-Bretanha, de uma continuidade entre práticas exóticas ou secretas, tais como o espiritismo e a bruxaria, e preocupações mais gerais da sociedade. Este artigo investiga essa base comum mais em termos de uma epistemologia ou cosmologia do que através de um estudo de caso antropológico ou histórico, se bem que o assunto tenha me chamado a atenção pela primeira vez, como um quebra-cabeça, em um contexto social específico, em Bristol.

## I

O distrito de East Bristol e Kingswood é urbano e industrial e a população pertence predominantemente à classe operária e à baixa classe média, com uma elite constituída por trabalhadores especializados e profissionais liberais. Nesse meio há todo um espectro de modos de “dar sentido” à vida, um espectro que inclui o socialismo, várias formas de não-conformismo, metodismo, pentecostalismo, práticas não-ortodoxas de cura e espiritismo. O que chama a atenção de um observador externo é que qualquer combinação dessas práticas é possível. Poderíamos esperar encontrar um metodista que seja, ao mesmo tempo, socialista, já que os dois enfoques apresentam certos traços éticos comuns, mas nesse ambiente um sindicalista e um socialista podem ser também espí-











Círculo mágico islâmico, Índia

Por outro lado, o segredo não é simples, mesmo quando se está “por dentro” dele. Porque há segredos dentro de segredos; há sempre um movimento para dentro, como para compensar a ação de se propagar para fora, uma espécie de concentração da secreatividade. Mesmo quando se é admitido ao segredo, as coisas não são o que parecem: sempre há mais por saber, há um conselho interno, ou conhecimento mais profundo, a ser obtido. Há um adiamento contínuo do momento da verdade, um movimento constante rumo ao imperceptível, um movimento sedutor no qual as regras podem mudar durante o curso do jogo.

Há, pois, dois princípios em ação dentro do segredo, que poderíamos chamar de: 1) a propagação do segredo, ou a percepção secreta do segredo; e 2) segredos dentro de segredos. Embora se pudesse dizer muito mais sobre este assunto (em relação ao anterior, e sobre o desenvolvimento da discussão, ver Deleuze & Guattari, 1980; p. 351 e segs. e Simmel, 1950), estes pontos básicos servem para definir o grande problema em qualquer consideração daquilo que chamamos de fenômenos “ocultos” e “psíquicos”. Estes fenômenos, que se situam em um extremo do espectro que estamos considerando, não são facilmente caracterizáveis salvo por sua qualidade secreta: por um lado, eles são “experiências pessoais”, particulares e não são controláveis pelo bom senso; por outro lado, há problemas de contágio ou sedução, de arrasto. Em consequência, toda pessoa interessada ou todo pesquisador tem um problema agudo em distinguir entendimento e participação. Esse fato empresta um sabor distintivo aos escritos sobre assuntos ocultos: praticamente qualquer um desses livros, não importando o ângulo do qual foi escrito, contém uma “advertência aos curiosos”: a curiosidade leva à vulnerabilidade; o aprendizado envolve o aprendiz nos segredos e o entendimento se associa à luta pela mestria e pelo poder. Este é um mundo de penumbra, onde não há conhecimento desinteressado, e onde a noção de objetividade ou de interesse acadêmico é uma armadilha ou um engano.

Para poder atuar com responsabilidade nesse meio necessitamos o que poderíamos chamar de estratégia, um modo de autoconduta. Um livro intitulado *Deliverance*, produzido pelo Grupo de Estudo Exorcismo Cristão e editado por Michael Perry (Perry, 1987), oferece uma dessas estratégias, propondo uma visão de como é (pelo menos parcialmente) o mundo e um modo de atuar nele. O livro é cuidadoso, não-sensacionalista e inteligente. Seu interesse particular está em ser representativo de um modo de pensar amplamente difundido. Ele mostra um enfoque e certos pressupostos que se encontram em um amplo leque de escritos e práticas, incluindo a cura, o espiritismo, a alquimia, a astrologia e a leitura de sorte. Muitos, senão todos, se ocupam com modos informais de enfrentar a desgraça e a descontinuidade; eles tentam explicar o sofrimento e se oferecem para controlar ou aliviar o destino humano, eles compartilham certas estratégias e, fato talvez mais importante, compartilham uma visão popular da natureza da matéria. Eles são, fundamentalmente, modernas cosmologias. De fato, como veremos, o campo se estende muito além do que o implicado apenas pela referência a práticas “ocultas”, e a noção de “segredo” se transforma.

### III

Em 1985 assisti a uma conferência, realizada em Cambridge, sobre exorcismo, na qual os dois principais conferencistas eram um padre e um médico, ambos membros do Grupo de Estudo Exorcismo Cristão. No curso da excelente apresentação do tópico, revelou-se que o padre (um exorcista) tinha dúvidas sobre ter encontrado alguma vez algo que não pudesse ser caracterizado como de origem “psicológica”, enquanto o médico (um psiquiatra) insistia que certos fenômenos deviam ser considerados como de origem “demoníaca”. Notando, incidentalmente, que em nossa sociedade a ignorância dos médicos com certeza pesa mais que a ignorância dos padres, o importante é que ambos insistiam em deslocar o fenômeno em questão para uma região fora de seu campo de competência. Assim, duas atitudes que se reforçam mutuamente aparecem nesta estratégia: em primeiro lugar, a referência a um *resíduo*, que sobra depois que um processo de classificação (dentro da competência pessoal de cada um) foi completado e, em segundo lugar, a aceitação do que (segundo Barrow) chamarei de *imponderáveis*, já que o fato de não sabermos, ou mesmo não podermos saber, é exibido antes como uma espécie de garantia, uma indicação da verdade do fenômeno sob consideração, do que como uma incitação ao ceticismo. Há, portanto, um acoplamento de um enfoque marcadamente “científico” (classificação) e de uma reconhecida falta de explicação causal, e os dois mais se reforçam do que se contradizem ou se sabotam mutuamente. Esta característica de incerteza ou ignorância que empresta mais poder de convicção do que qualquer outra

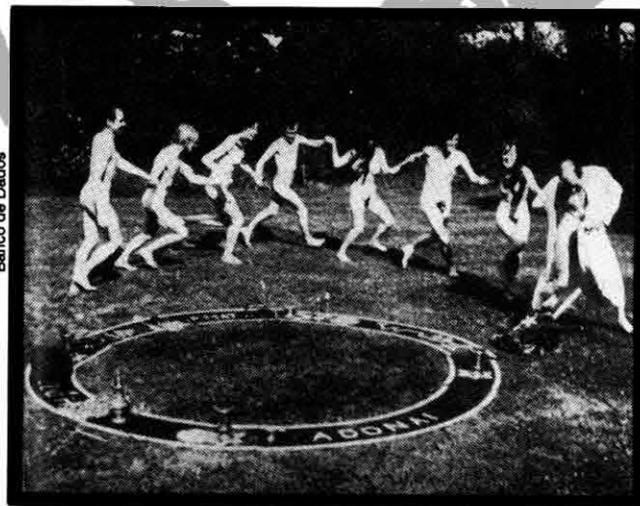
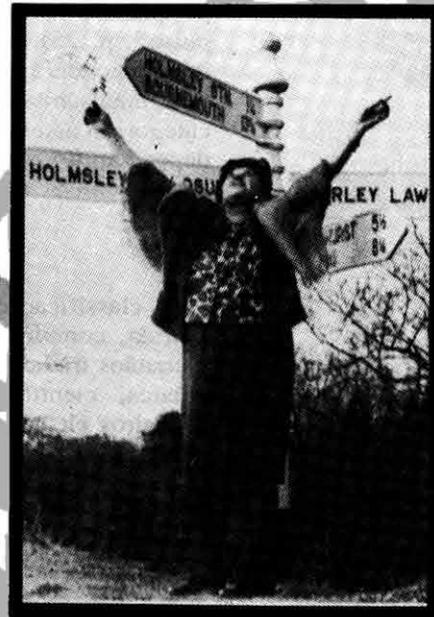
Na página ao lado, acima, Sybil Leek, a mais conhecida bruxa da moderna Inglaterra, faz um passo de magia num cruzamento perto de sua casa em Hampshire; abaixo, o mago Alex Sanders lidera uma dança ritual

coisa é importantíssima, e deveria ser sublinhada, já que é o reverso do que se poderia esperar.

A mesma estratégia é apresentada com mais detalhes no livro *Deliverance*, com uma clareza que deriva do fato de o livro ser, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre e um exemplo deste tipo de pensamento. O objetivo do livro é oferecer uma classificação dos fenômenos ocultos e psíquicos, de modo a “trazer um pouco de ordem à multidão de tipos possíveis de distúrbio” (Perry, 1987, p. 3). Depois de um esclarecimento e conselhos iniciais, o livro trata sucessivamente de “*poltergeists*”, “fantasmas” e lembranças de lugares”, “ocultismo, bruxaria e satanismo; seitas e cultos”, “síndrome de possessão” e “possessão e exorcismo”. Neste procedimento de classificação há certo cuidado com a definição (ver, por exemplo, a discussão dos termos “oculto”, “psíquico”, “espiritual” e “magia, branca e negra” nas páginas 44-5), e há um movimento dos fenômenos mais simples aos mais complexos (por exemplo “procurar sempre a resposta mais simples que explicará o que está acontecendo”, p. 8). Há, portanto, uma progressão, um descarte de possibilidades até se atingir um resíduo de possessão demoníaca: “quando todos os casos assinalados de possessão tiverem sido descritos, há ainda o resíduo de casos para os quais o único diagnóstico que resta é o da atividade de um espírito do mal...” (Perry, 1987, p. 82).

O método de procurar resíduos é um método ambíguo. Por um lado, ele está, sem dúvida, associado ao estabelecimento de um “método” científico e é, ademais, percebido pelos participantes como um ataque à integridade da experiência dos imponderáveis, um desnaturamento do mundo dos que crêem. Barrow assinala que o método dos resíduos foi usado pela *Society for Psychical Research* na década de 1880 e já tinha sido usado trinta anos antes em relação ao mesmerismo (Barrow, 1986, pp. 143-4, 91 e segs.).

No entanto, por outro lado, o método de resíduos (e, portanto, o livro *Deliverance*) tem também um aspecto da estrutura do segredo. A progressão do processo de classificação corresponde ao aprofundamento do segredo dentro de si mesmo, seu poder de concentração. Atraído pela ordem e tranqüilizado pela explicação racional de fenômenos como “*poltergeists*”, lembranças de lugares e outros (por exemplo, em relação ao primeiro: “o exorcismo não é apropriado

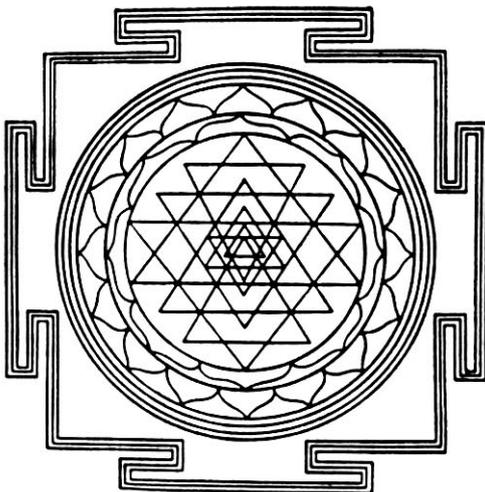


Banco de Dados

porque não há espírito do mal a ser expulso”, p. 25), o leitor é levado ao resíduo imponderável. Não há, como veremos, uma súbita descontinuidade entre as categorias anteriores e o resíduo; todos dependem do mesmo esquema subjacente.

## IV

A classificação utilizada por Perry é híbrida, combinando elementos bíblicos e cristãos tradicionais com elementos seculares, científicos. Começando pelos primeiros elementos, a estrutura da classificação combina um dualismo de base com uma continuidade; em outras palavras, ela contém a dupla possibilidade de oposição e universalismo. Por um lado, diz-se no primeiro parágrafo do prefácio



**Shri-Yantra, diagrama cósmico indiano-védico; na página seguinte, ao lado, monograma místico tibetano, e acima, mandala oriental**

que “a atuação do diabo é múltipla e nem toda ela é óbvia. O oculto é a parte menor de seu império...” (Perry, 1987, p. XI). Por outro lado, em um Apêndice lemos que “se acreditamos na existência de Deus e de Satanás e dos seres humanos (ambos encarnados neste mundo e desencarnados ou reincorporados sob outra forma em outro mundo ou mundos), não há razão lógica para que não devesse haver uma grande Corrente do Ser, incluindo todo tipo de criaturas e seres espirituais como anjos e demônios, e para que alguns deles não mostrassem lealdade a Deus e trabalhassem pelo bem, enquanto outros pertenceriam a Satanás e nos influenciariam para praticar o mal” (p. 104).

A função do sistema de classificação é, como sugeri, discernir onde estão os espíritos do mal, e também lutar contra a superstição, em outras palavras, discernir onde se espera que os espíritos estejam mas não estão (“nem tudo o que é po-

pularmente descrito como ‘oculto’ é bem descrito”, p. XI). A tarefa da classificação é dar solução ao resíduo de casos inexplicáveis que devem, já que não podem ser explicados de outro modo, ser atribuídos aos espíritos do mal ou ao diabo. Estamos preocupados com os imponderáveis, demônios ou espíritos à margem de outros sistemas (científicos, médicos ou psicológicos): um diabo dos vãos.

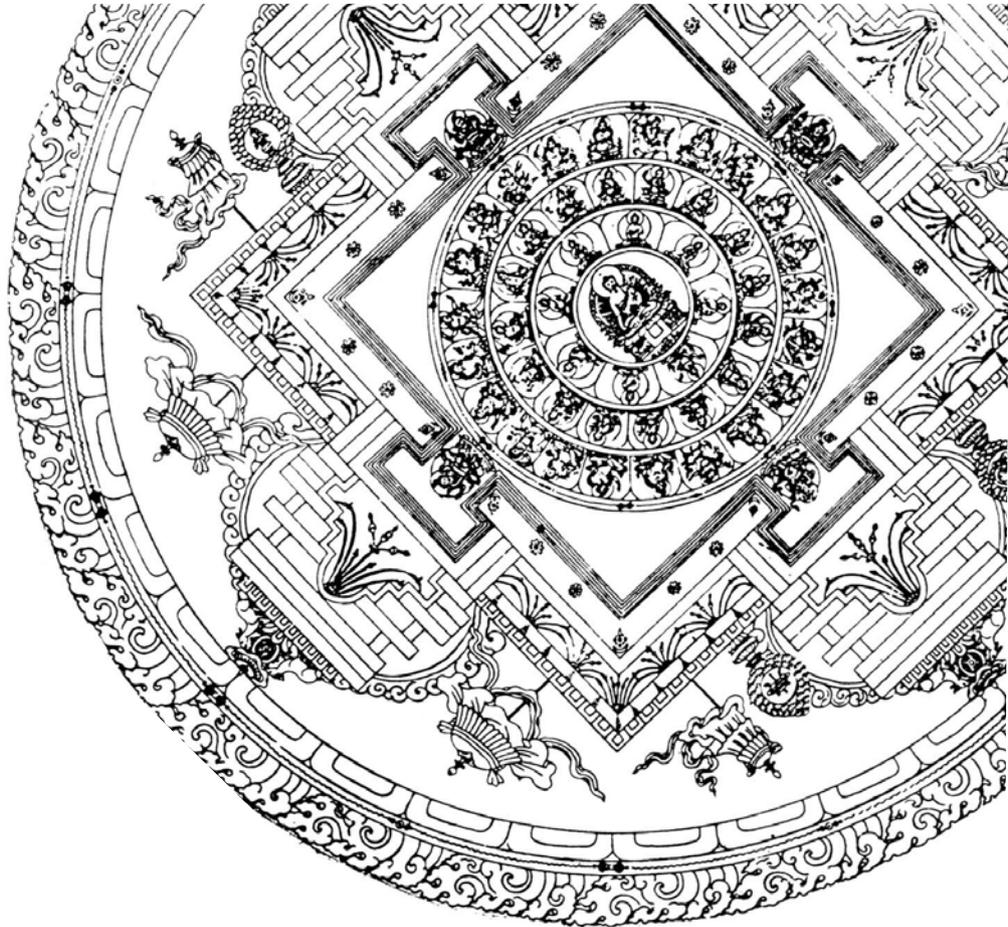
Este sistema de classificação abstrato e geral implica em uma garantia da realidade dos fenômenos que classifica. Em outras palavras, se eliminarmos todas as outras explicações, o que sobra precisa *realmente* ser espíritos do mal, tão reais quanto as outras condições que foram consideradas e descartadas. O sistema atua como um fiador da verdade daquilo que trata. Devido à sua função, deve-se tomar um cuidado considerável com a escolha dos critérios de eliminação, prevendo-se, por um lado, contra as ameaças da credulidade ou da superstição, e, por outro lado, do ceticismo.

É a necessidade de cuidado que dá o tom, por exemplo, a uma fastidiosa discussão, colocada em apêndice, sobre “o demônio e o exorcismo na Bíblia”, onde é colocada a questão da tradução de Isaias 34:14. Deve este versículo ser traduzido como “*The satyr shall cry to his fellow*” (“O sátiro gritará a seu companheiro” – Revised Standard Version, seguindo a King James Bible) ou, menos misteriosamente, “*he-goat shall encounter he-goat*” (“o bode encontrará o bode” – New English Bible)? E, no versículo seguinte, trata-se de “the night hag” (“a bruxa noturna” – sobrenatural) ou “*the night jar*” (“a jarra noturna” – natural)? No entanto, a questão do significado não é simplesmente textual (havia uma crença primitiva em demônios ou era este um modo de evocar a atmosfera, etc), já que a tradução, uma vez feita, tem vida própria, uma autonomia em relação ao original. O versículo “*The satyr shall cry to his fellow*”, por exemplo, fornece a chave para um dos contos mais realizados de M. R. James, “*An Episode of Cathedral History*” (James, 1964, p. 426). Nesse contexto não há como substituir “*he-goat shall encounter he-goat*”. A questão do significado “real” do versículo não esgota a questão, pois ele significa o que significa em seu contexto. Mas este enfoque colocaria em questão a própria idéia de uma classificação existindo fora de qualquer contexto como um conjunto positivo de verdades dadas.

De fato, o sistema geral de classificação utilizado por Perry está acoplado a uma série de estudos de caso individuais, e há um apelo explícito a um enfoque “empírico”. O valor desse enfoque precisa ser avaliado cuidadosamente. Por um lado, Perry delinea um procedimento de investigação: “Leve a sério toda aproximação feita a você e ouça com cuidado e atenção... Investigue tanto quanto possível os antecedentes sociais, familiares, médicos e espirituais de todos os envolvidos... Tome, cuidadosamente, nota do caso. Uma comparação das notas deste momento com o que é dito ou feito em um estágio posterior bem pode revelar problemas e tensões não expressas abertamente” (Perry, 1987, pp. 4-5). O investigador tem que tentar reconstruir o quadro interpretativo que permite a, ou está presente na, experiência do evento.

Por outro lado, o enfoque empírico é debilitado pelo apelo à experiência imediata, de um modo que complementa o apelo a uma classificação positiva, independente de contexto. Este apelo está implícito na idéia do “único diagnóstico restante” (com referência ao resíduo”, uma combinação de aparente bom senso e onisciência. Ademais, está claramente expresso na fórmula “a experiência é sagrada, a interpretação livre”, p. 29).

Poder-se-ia objetar, em defesa do procedimento investigativo, que não há experiência sem interpretação. O efeito do apelo à experiência imediata é, entretanto, o de evitar toda investigação cuidadosa, empírica e permitir a confirmação da classificação positiva que delineamos, uma imagem com seus próprios critérios, definições e explicações.



Este passo é dado em nome da verdadeira preocupação em levar a sério as pessoas com problemas, pois o livro de Perry tem um foco prático, pastoral<sup>(1)</sup>. No entanto, não podemos tornar o que chamarei de entendimento crítico prisioneiro de tal preocupação, nem há nenhum chamado a fazê-lo. Um entendimento crítico se constrói *contra* a experiência inicial ou imediata, pois o apelo à experiência imediata acompanha-se de uma visão da realidade que obscurece bastante as complexidades da vida no mundo. Há um problema de escala no tipo de sistema que estamos considerando, no qual vastos esquemas gerais se acoplam a apelos, a experiências individuais. Ao contrário, todo entendimento crítico inclui uma estimativa dos limites de sua própria aplicabilidade: ele se situa entre a ampla generalização, por um lado, e estudos de caso particulares, por outro, pois seu conhecimento se constrói, não se intui.

Seja como for, uma certa linguagem científica ocupa um lugar importante na estratégia que estamos considerando, se bem que, como veremos, ela seja extraída de uma era particular do pensamento científico. Esta linguagem emerge, em particular, em um dos primeiros capítulos do livro de Perry, onde são oferecidas certas explicações causais. Em relação aos “*poltergeists*” diz-se: “pareceria que os fenômenos são produzidos por alguma forma de energia psicocinética e

1 Embora a estratégia adotada por *Deliverance* reproduza, para todos os efeitos, as estratégias das práticas que investiga, não fica claro que há uma alternativa, ou “melhor” estratégia a ser adotada em relação aos estudos de caso referidos. De fato, a força de posição tomada em *Deliverance* é que ela repete os pressupostos fundamentais dos próprios envolvidos e permite uma articulação de novas possibilidades com base nas percepções dos atores. É difícil ver de que outra maneira poderia se dar esperança às pessoas. Portanto não se sugere nem que os fenômenos sob consideração sejam de maneira alguma não-existentes ou falsos, ou que a estratégia adotada é equivocada em termos pastorais.

programados pela mente profundamente inconsciente do 'possuidor' do 'poltergeist'... A tensão mental, emocional ou psíquica parece se focalizar em um ponto e lá ela se transforma em energia física, a qual se manifesta em termos de ruído ou movimento de objetos ou de pane de equipamentos eletrônicos" (Perry, 1987, p. 17). Também, em relação a "memórias de lugar", vemos que "poderíamos postular que o que acontece é que uma pessoa está, por assim dizer, na 'frequência' correta para captar as 'vibrações' da memória (estes termos são usados puramente por analogia...). Ele então retransmite a memória como a percebe, por algum tipo de contágio telepático, de forma que os assistentes também experimentam fenômenos perturbadores do mesmo tipo geral, mas que diferem em termos de detalhes percebidos" (p. 29).

Estas explicações são oferecidas aproximadamente: "A explicação oferecida... é apenas especulação. O leitor que não tem em sua lista de possibilidades aceitáveis a transformação psicocinética da energia emocional em energia física terá que construir sua própria explicação..." (p. 17). Do mesmo modo "a explicação acima é uma tentativa de racionalizar o percebido em tais casos. Pede-se àqueles que não aceitam a explicação que acreditem que o fenômeno ocorre – como provam os casos contados neste capítulo – e eles são convidados a elaborar explicações próprias que se encaixarão em seu sistema de crenças. Uma vez mais, a experiência é sagrada, a interpretação livre" (p. 29).

No entanto, é difícil ver como um sistema completamente diferente de explicação poderia deixar o fenômeno ou a experiência intactos. A escolha deste vocabulário científico tem um objetivo: ela não é arbitrária, mas traz consigo um certo conjunto de possibilidades, de possíveis percepções e possíveis resultados. Em primeiro lugar, tal vocabulário "científico" produz um efeito de distância: ele separa o estudante sério do meramente supersticioso ou simplesmente primitivo (cf. Perry, 1987, pp. 60-79), e separa o investigador do cliente, dando proteção contra a credulidade ou uma análise demasiada apressada. Deste modo, o vocabulário reforça os efeitos da obra de classificação.

Em segundo lugar, a linguagem usada soa como o jargão científico do início do século XIX e traz consigo uma visão particular da natureza da matéria. Isto é importantíssimo. Barrow assinala que através de todo o século XIX havia uma muito difundida confusão sobre a natureza fundamental da matéria. O aspecto mais relevante desta confusão era o relativo à existência de várias forças não-detectáveis a não ser por seus supostos efeitos (Barrow, 1986, p. 67), em outras palavras, a existência de imponderáveis, fenômenos que, por sua própria natureza, não podiam ser delimitados ou examinados. A discussão da natureza incluía sua submissão ao, ou penetrabilidade pelo, Espírito, espírito ou espíritos, e quando aplicada a seres humanos leva à reflexão sobre a experiência pessoal de saúde e doença. Newton, por exemplo, escreveu sobre "um espírito muito sutil (ou seja, fluido)... que permeia os corpos sólidos", interliga-os, está na base da eletricidade e do calor e facilita todos os processos biológicos (Barrow, 1986, p. 74).

O legado da especulação popular sobre o newtonianismo parece ter incluído: 1) a crença na natureza porosa da matéria; 2) a crença de que os corpos podem atuar um sobre o outro a distância, através de um ou vários "éteres" imateriais, mas ativos; e 3) desenvolvimento ou especulação em relação a estes imponderáveis. A ciência popular gerou os imponderáveis, seguindo em particular o exemplo da eletricidade, cada teoria postulando sua própria força sutil ou fluida, concebida com frequência como permeando o Universo e tendo a qualidade de penetrar os corpos.

Esta forma particular de dualismo da matéria e do espírito (ou éter) é, portanto, bastante moderna; é também extremamente difundida. A visão, por um lado, da matéria porosa ou penetrável e, por outro lado, do espírito imponderável, liga a linguagem causal de *Deliverance* às ciências ocultas como o mesmerismo, a clarividência e a frenologia, entre outras. Esta visão fornece também uma continuidade que liga todos os tipos de fenômenos discutidos em *Deliverance*: o imponderável processo da conversão ou retransmissão da energia psíquica em energia cinética, e o período de penetração de espíritos do mal se encontram nesta perspectiva<sup>(2)</sup>. Quero sugerir que, para o falante moderno, a linguagem da causalidade faz sentido em termos de uma cosmologia da matéria porosa e do éter imponderável. É esta categoria cosmológica que permite todo um leque de práticas fazer sentido como parte do mundo moderno. Estas práticas não são resquícios ou remanescentes, mas potenciais e reais, acessíveis a todos aqueles que são convocados e participam, em virtude de sua implícita, largamente incontestada e amplamente compartilhada visão popular da natureza da matéria.

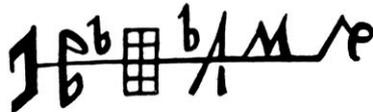
A linguagem em que esta estratégia se baseia e os modos de pensamento que ela implica foram estudados por Gaston Bachelard, que examina os obstáculos que tal modo de pensar colocou no caminho do desenvolvimento do pensamento científico. Sua obra

2 Um material paralelo poderia ser facilmente produzido sobre o difuso campo da cura; aqui a linguagem da causalidade depende também de uma teoria da penetração do espírito imponderável na matéria porosa. Um panfleto bem representativo fala da necessidade de defender nossos corpos pela reza e da capacidade que temos de fazer com que os sentimentos de opressão (e outros picos) nos deixem, e de pedir que o vão possa ser preenchido pelo Espírito Santo. Toda a discussão se dá em termos de proteção, penetração, expulsão e preenchimento (ver "The Armour of God", uma publicação de Crowhurst escrita por David Howell).

é de considerável interesse, tanto por si mesma como porque serve para sublinhar os padrões já distinguidos. Em suas próprias palavras, Bachelard estuda a linguagem científica dos períodos iniciais, menos do ponto de vista de um historiador do que do ponto de vista de um “epistemólogo”, discutindo os fenômenos históricos a partir do terreno ganho ulteriormente: “Parece-me que o epistemólogo – que, neste sentido, difere do historiador – precisa enfatizar as idéias produtivas em meio a todo o conhecimento do período” (Bachelard, 1938, p. 11).

Bachelard faz esta distinção porque ele acredita (como já sugerimos) que a criação dos conceitos científicos acontece através de uma ruptura com a experiência imediata. O apelo à experiência imediata, argumenta ele, está acoplado ao hábito de generalizar a partir de observações iniciais. Voltamos a terreno conhecido. O apelo à experiência reforça, portanto, um tecido ou teia de intuições, que é, em aparência, independente de qualquer contexto e qualquer comunidade científica, e assim justifica um sistema de conhecimento fechado e estático. Tal conhecimento, contrariamente ao conhecimento científico, é não-cumulativo, já que nada poderia constituir uma contraprova, ou levar a uma revisão da teoria. Uma “teoria” incontestável é acoplada a apelos específicos à experiência individual, testemunhos ou estudos de caso que, por sua vez, justificam a teoria geral. Em contraposição, as teorias científicas são ou deveriam ser “o agrupamento de aproximações sucessivas e bem ordenadas” (Bachelard, 1938, p. 61).

Nestas teorias não-científicas, o impulso de generalização se desenvolve de acordo com certas “regras” identificadas por Bachelard: entre elas, a tendência a classificar o desenvolvimento da teoria através da análise de imagens particulares e o apelo a princípios gerais. A primeira permite a associação de conceitos heterogêneos e a “leitura” de observações segundo o sistema, mesmo à custa de gerar fenômenos através do preenchimento dos vãos na grade classificatória; o segundo permite a elaboração de explicações retirando o conteúdo oculto da imagem sem referência a seu contexto ou cenário; e o terceiro invoca, para os propósitos de “explicação”, algum princípio não-examinado que é incognoscível ou imponderável, como a Unidade da Natureza ou a utilidade dos fenômenos naturais, ou as propriedades da “matéria”.



O apelo à Unidade da Natureza aparece no livro de Perry na “Grande Corrente do Ser”, que une todo tipo de criaturas e seres espirituais em uma escala de perfeição e completude, e a utilidade dos fenômenos naturais está subjacente na teoria de que “saúde e totalidade” é o que Deus deseja para toda a criação (Perry, 1987, p. 104). Tais hipóteses grandiosas e unitárias vão muito além da experiência e estão acima de qualquer contradição e se integram facilmente à colocação complementar de que os desígnios de Deus são ocultos. Assume-se a existência de uma analogia (o mecanismo de seu funcionamento é desconhecido) entre, por um lado, o vasto princípio unitário e, por outro, entre o macro e o microcosmo, de forma que a saúde e a totalidade desejadas para a criação devem se refletir em cada uma de suas partes.

De fato, a visão de que as propriedades da “matéria” “explicam” os fenômenos associados a ela é difundida e largamente incontestada. À “matéria” é atribuído todo tipo de propriedades heterogêneas, superficiais e profundas, manifestas e ocultas, e uma qualidade é sempre “provada” com referência à outra. Um exemplo desse tipo de pensamento se encontra no apelo às Escrituras, que se supõe sejam suficientes em si mesmas, possuindo nelas mesmas todo o guia necessário, a verdade e a autoridade sobre as matérias sob exame. Portanto as primeiras duas frases de *Deliverance* dizem: “A primeira carta de João (3:8) nos conta que o Filho de Deus apareceu como o propósito de desfazer a obra do diabo. Acreditamos que a Igreja existe pela mesma razão” (Perry, 1987, p. XI). Nenhuma outra justificativa é necessária; precisamos apenas nos referir às propriedades intrínsecas da Escritura. A discussão da tradução de Isaias 34:14, acima mencionada, toca o mesmo ponto de vista “realista”: é desejável encontrar o que a palavra realmente significa na *Bíblia*, já que isto é o que ela significa para nós também.

Em suma, uma teoria “informe”, que pretende com frequência ser de relevância ampla ou mesmo universal, é desenvolvida com um apelo à experiência dos “fatos”. A secretividade ainda está ativa, nas verdades imponderáveis que se situam no centro das pretensões declaradas, no que poderia se chamar de forma generalizada, *a priori*, o segredo que os membros compartilham: um absoluto imperceptível<sup>(3)</sup>.

As afirmações feitas por estas teorias tratam de assuntos da maior importância: são

**Brasão do arcanjo Gabriel,  
referente a segunda-feira**

3 Bachelard conclui seu estudo dos obstáculos ao desenvolvimento do pensamento científico tentando mostrar que o prazer se situa na “psicologia realista” que ele esboçou. Ele descreve a psicologia da avareza, da concentração e destilação das “propriedades essenciais” da matéria, e sugere certo prazer na posse do conhecimento como uma propriedade do conhecimento estático vivenciado e fruído. Ele nota também que há conotações de prazer sexual na noção de possuir segredos e na linguagem da purificação e da preparação, da iniciação e da sedução, de penetrar e ser penetrado, e de mestria e controle. Lecourt (1975, p. 140) alerta contra o recurso de Bachelard à libido dos cientistas para explicar a constituição de obstáculos epistemológicos como sendo insuficientemente “histórico”; entretanto, é absolutamente correto colocar a questão do prazer, ou compulsão, inerente a tais modos de pensamento.

afirmações feitas sobre a natureza do homem, sua materialidade e seu destino. Elas também oferecem a possibilidade de certo tipo de explicação do sofrimento e controle do destino, cura e até salvação do indivíduo. Tais afirmações são, em teoria, de aplicação universal, e há uma forte tendência a incluir todos os homens em alguma forma de irmandade. No entanto, ao mesmo tempo, a difusão do segredo é, efetivamente, sinônimo de sua traição através da diluição, distorção, má vontade, etc. Há também, portanto, uma forte tendência contrária a perceber inimigos que poderiam roubar os segredos, falsificá-los, ou traí-los, uma tendência a identificar e a denunciar conspirações, cismas e traição.

Deleuze chama esta combinação de uma forte tendência universalista (ou proselitista) com uma forte tendência divisionista (ou denunciatória) de forma “viril paranóica” do segredo. É uma forma muito difundida, que caracteriza não só as ciências ocultas, mas também a história de movimentos como as religiões não-conformistas, o metodismo e o socialismo. Todas as seitas representam uma tentativa não-oficial e “não-ortodoxa” de explicar e controlar o lugar do homem no mundo, e todas estão muito frequentemente preocupadas, por um lado, com a prática da denúncia da incompetência ou da má vontade oficiais ou “ortodoxas” e, por outro, com a falsificação por parte das seitas rivais e com a identificação de cismas internos. Embora o campo de sua atividade tenha se ampliado, a dinâmica do segredo persiste<sup>4</sup>.

## V

Três pontos emergiram desta discussão. Em primeiro lugar, as várias práticas sociais, para as quais dirigi minha atenção, compartilham os mesmos pressupostos cosmológicos e epistemológicos. Sua compatibilidade ou possibilidade de permutação se situa no não-reconhecido e compartilhado quadro de uma “teoria” da natureza da matéria que identificamos, das noções conexas dos imponderáveis e da penetrabilidade da matéria. Este quadro relaciona todas as várias tentativas de explicar e controlar o lugar do homem no mundo, não importando como são denominadas (médicas, religiosas, políticas, ocultas, etc.).

Em segundo lugar, delinee a importância e a atuação do “segredo” nesses modos de compreender o mundo. As pessoas envolvidas vivenciaram segredos, que são identificados como o Espírito, espíritos, energia psíquica, ou, igualmente, como a energia espontânea do Povo, e que atuam por preenchimento ou penetração, por influências ou ideologia. As ações desses imponderáveis são imperceptíveis, apenas seus efeitos podem ser percebidos ou, com maior probabilidade, antevistos, previstos e antecipados. O segredo assume uma forma completamente generalizada nesses grupos, no fim sem conteúdo, ou imponderável, e é reproduzido através de sua traição antecipada, na paranóia e no divisionismo dos grupos.

Em terceiro lugar, embora o quadro geral delineado seja difundido e extremamente poderoso em sua habilidade de incorporar material em suas interpretações, sugeri um enfoque alternativo: é possível desenvolver conceitos críticos de aplicação limitada que situem o fenômeno sob investigação em seu contexto mais amplo social; é possível perguntar o que as atividades em questão – espiritismo, conhecimento oculto em suas várias formas, etc. – podem estar querendo atingir em seus próprios termos. O que proponho é uma mudança de ênfase, de fenômenos naturais ou sobrenaturais para práticas sociais, e nesta perspectiva, sugiro que as ciências ocultas deveriam ser consideradas como parte de um conjunto maior de práticas que tentam compreender e controlar o lugar do homem no mundo.

## BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, G. *La Formation de l'Esprit Scientifique*. Paris, Vrin, 1938.  
BARROW, L. *Independent Spirits*. London, Routledge & Kegan Paul, 1986.  
COLLINGWOOD, R. G. *An Essay on Metaphysics*. Oxford, Oxford University Press, 1940.  
DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mille Plateaux*. Paris, Ed. de Minuit, 1980.  
JAMES, M. R. *The Collected Ghost Stories*. London, Arnold, 1964.  
LECOURT, D. *Marxism and Epistemology*. London, New Left Books, 1975.  
LUHRMAN, T. R. “Witchcraft, Morality and Magic in Contemporary London”, in *International Journal of Moral and Social Studies* 1:1. Spring, 1986, pp. 77-94.  
———. *Persuasion of the witch's Craft: Ritual Magic and Witchcraft in Present-day England*. London, Society for Promoting Christian Knowledge, 1989.  
PERRY, M. (ed.). *Deliverance*. London, Society for Promoting Christian Knowledge, 1987.  
PUTNAM, M. *Teason, Truth and History*. Cambridge, Cambridge University Press, 1981.  
SIMMEL, G. “The Secret and the Secret Society”, in *The Sociology of Georg Simmel*. Trad. & ed. de Kurt Wolff. Illinois, Free Press, 1960.  
SKULTANS, V. *Intimacy and Ritual*. London, Routledge & Kegan Paul, 1974.

4 De fato, os imponderáveis são um traço, não apenas dos mundos plebeus, mas também da história das disciplinas acadêmicas. Para citar dois exemplos filosóficos, Putnam, seguindo Wittgenstein, critica o que ele denomina de visão essencialmente “mágica” da referência: a teoria que pensava que as palavras e as imagens representam intrinsecamente o que dizem (ver Putnam, 1981, pp. 3-5); e, antes, Collingwood, 1940, p. 342). Embora os imponderáveis incluam, sem dúvida, parte do que poderia ser chamado “a intratável natureza do emprírico”, ou o que é dado, há, no entanto, boas razões para os intelectuais recusarem afirmá-los incondicionalmente em sua esfera própria, teórica.